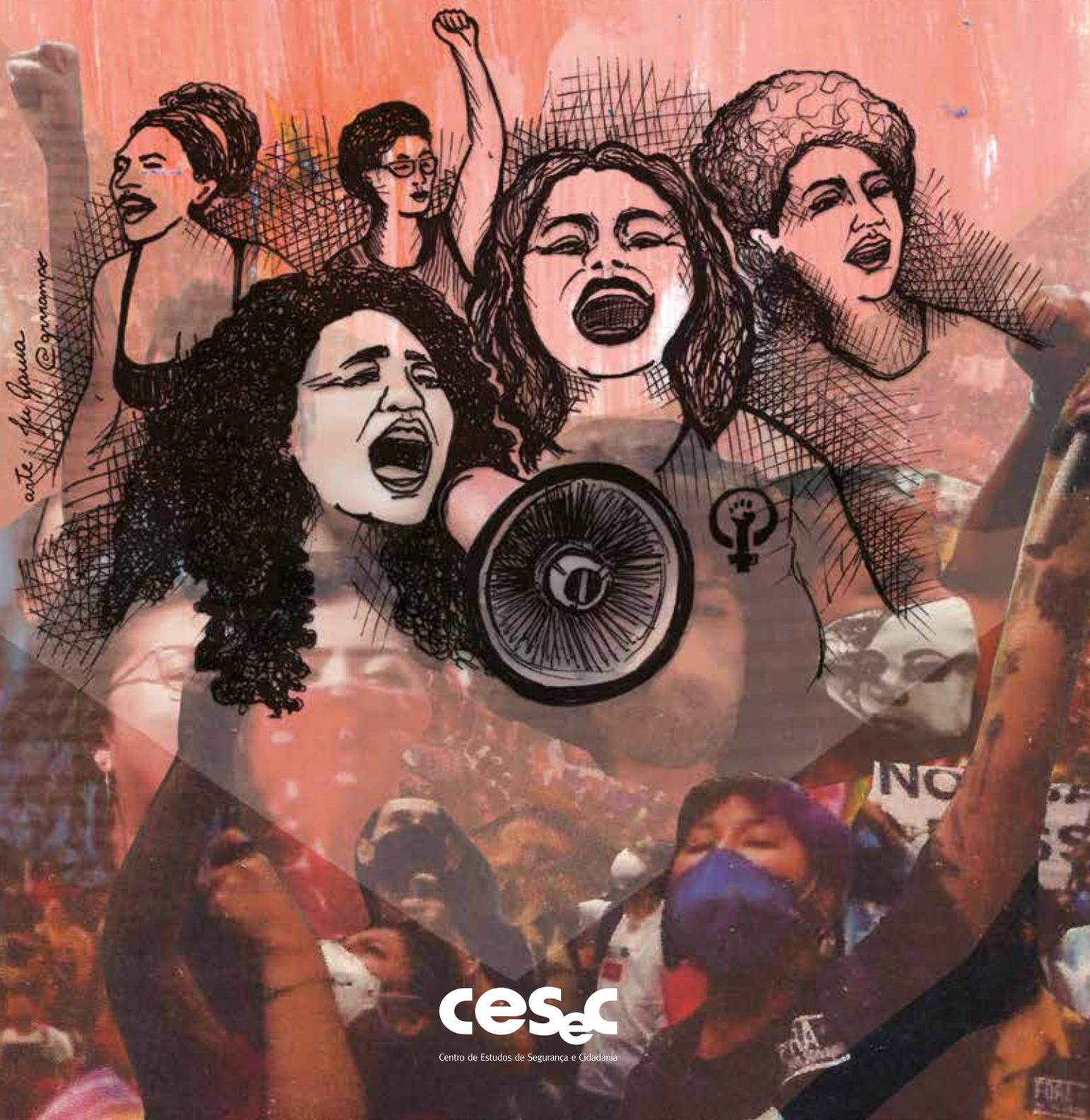




REDE DE  
OBSERVATÓRIOS  
DA SEGURANÇA

# ELAS VIVEM:

## DADOS DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES



**cesec**

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania



**#ELASVIVEM**



# ELAS VIVEM:

## DADOS DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

## **REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA**

Um projeto do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

### **Coordenação do CESeC**

Julita Lemgruber

Leonarda Musumeci

Silvia Ramos

### **Coordenador adjunto**

Pablo Nunes

## **EQUIPE DA REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA**

### **Coordenadora geral**

Silvia Ramos

### **Coordenador de pesquisa**

Pablo Nunes

### **Coordenadora de comunicação**

Juliana Gonçalves

### **Pesquisadores**

Jonas Pacheco

Pedro Paulo da Silva

### **Articuladora e pesquisadora**

Bruna Sotero

### **Assistente de Comunicação**

Amanda Pinheiro

### **Designer**

Renato Cafuzo

### **Gerente**

Ana Paula Andrade

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA BAHIA**

Dudu Ribeiro

Larissa Neves

Luciene da Silva Santana

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA CEARÁ**

Ana Letícia Lins

Cesar Barreira

Ricardo Moura

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA MARANHÃO**

Luiz Eduardo Lopes da Silva

Thiago Brandão Lopes

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA PERNAMBUCO**

Dália Celeste

Deila Martins

Edna Jatobá

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA PIAUÍ**

Elton Guilherme

Lila Cristina Xavier Cruz

Maria D'alva Macedo Ferreira

Marcondes Brito da Costa

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA RIO DE JANEIRO**

Bruna Sotero

Itamar Silva

Pedro Paulo da Silva

Silvia Ramos

## **OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA SÃO PAULO**

Bruno Paes Manso

Francine Ribeiro

## **ORGANIZAÇÕES FORMADORAS DA REDE**

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNPd)

Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares (Gajop)

Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC)

Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP)

Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens - (UFPI)

Rede de Estudos Periféricos - (UFMA/IFMA)

## **PARCEIROS NA COLETA DE DADOS**

Fogo Cruzado

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Monitor da Violência

## **FALE COM A GENTE**

rededeobservatorios@gmail.com

Twitter: @rede\_seguranca

Facebook: @rededeobservatorios

Instagram: @rededeobservatorios

## **APOIO**

FORD FOUNDATION

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elas vivem [livro eletrônico]: dados da violência contra a mulher / Silvia Ramos...[et al.] ;  
ilustração Juliana Gama. – Rio de Janeiro : CESeC, 2022.

10 mb

Outros autores: Juliana F. Gonçalves, Bruna Sotero, Ana Letícia Lins, Dália Celeste, Francine Riberio, Luciene Santana, Ana Paula de Carvalho

Formato: PDF

ISBN: 978-85-5969-013-2

1. Violência contra mulheres. 2. Violência doméstica. 3. Femicídio.  
4. Transfemicídio. I. Ramos, Silvia. II. Gama, Juliana. II. Título.

CDD-345.81085

**Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213  
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)**

**Índices para catálogo sistemático:  
1. Crimes : Brasil : Mulheres 345.81085**

**Eu não vou sucumbir**

**Eu não vou sucumbir**

**Avisa na hora que tremer o chão**

**Amiga é agora**

**Segura a minha mão**

**[...]**

**Você largou, largou, largou**

**Não tem solução**

**Ago, ago, ago é libertação**

**Largou, largou, largou**

**Não tem solução**

**Ago, ago, ago é libertação**

**Trecho da música "Libertação",  
de autoria de Russo Passapusso,  
interpretada por Elza Soares**



arte: Ju Jauo 2022  
@jujauo

~~EU NÃO VOU  
SUCUMBIR~~

MULHERES SEM MEDO  
CONTRA O FASCISMO

**A VIDA** das mulheres está em risco todos os dias em uma sociedade estruturalmente machista e que cultiva a ideia da mulher como subserviente. É o que se comprova com os **1.975 casos de violência contra a mulher registrados pela Rede de Observatórios da Segurança em 2021**, quando a Lei Maria da Penha completou 15 anos. **Houve um registro de violência contra mulheres a cada cinco horas no último ano.** Esse é o castigo para aquelas que não atendem às expectativas depositadas nelas – em geral pelos parceiros e ex-parceiros ou que simplesmente são objetificadas. Uma punição atravessada pelo ódio ao feminino.

O objetivo das pesquisadoras da Rede de Observatórios da Segurança com mais um relatório temático sobre esse tipo de crime é narrar, com respeito absoluto, a história de mulheres que sofreram violências ou foram arrancadas da vida de forma abrupta, frequentemente pelas mãos de homens em que elas já confiaram em algum momento. Em um contexto ainda de pandemia e de crise econômica, os lares se tornaram locais perigosos para muitas mulheres.

**Um caso de feminicídio foi monitorado a cada dia.** A maior parte dos casos foi cometida por companheiros ou ex-companheiros das vítimas. Muitos são narrados com requintes de crueldade nos jornais. São atos que definitivamente não iremos detalhar, mas que causam a sensação de sufocamento em quem está levantando esses dados diariamente. É impossível que nossas pesquisadoras não se sintam tocadas com as histórias que encontram. Este trabalho é uma resposta à indignação.

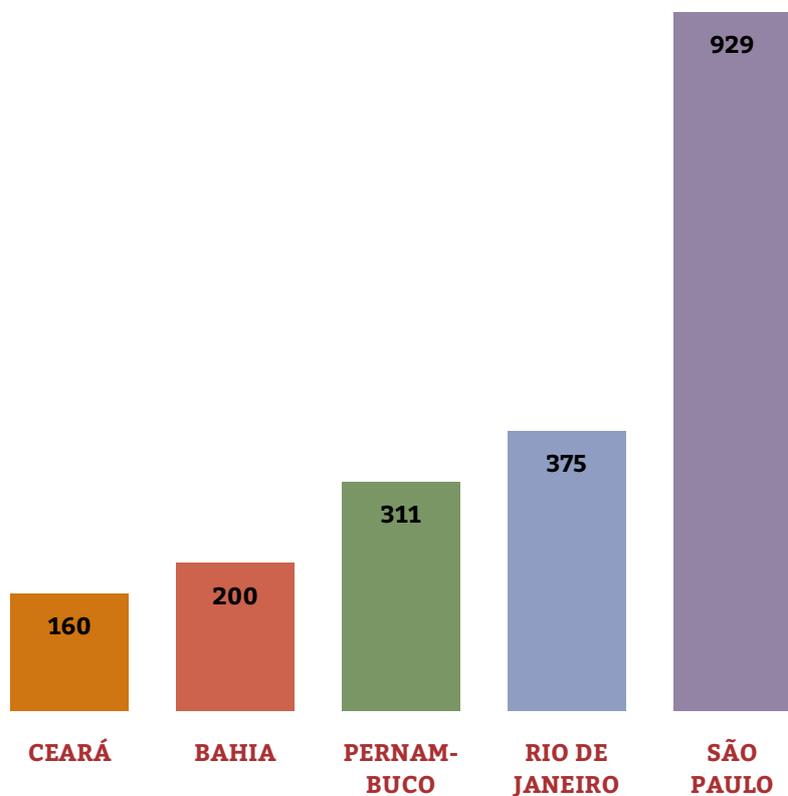
Mais uma vez, a Rede de Observatórios se propõe a apontar as dinâmicas dos crimes de cinco dos sete estados que monitoramos: Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Os dados do Maranhão e do Piauí só se incorporaram à Rede em agosto de 2021. O objetivo deste levantamento, feito a partir do que é veiculado na imprensa, é lançar luz sobre o processo machista que continua transformando mulheres em vítimas e embasar políticas públicas de enfrentamento da violência contra mulheres – como ocorreu no último ano, quando muitos parlamentares utilizaram os dados do boletim “A dor e a luta” em defesas das mulheres.



# DADOS PELA VIDA DAS MULHERES

Pelo segundo ano, casos de feminicídio e outras violências contra a mulher ocupam a terceira posição no monitoramento da Rede de Observatórios da Segurança – perdendo apenas para policiamento e eventos envolvendo armas de fogo, que tradicionalmente ocupam os noticiários. **Entre os 16.536 casos registrados pela Rede em 16 categorias, a categoria “feminicídio e violência contra a mulher” acumula 1.975 ocorrências – representando 12% do total de notícias monitoradas.**

FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM 2021



Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

## FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM 2020 E 2021 (VARIAÇÕES EM %)

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM- BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL	VARIAÇÃO ANUAL
<b>2020</b>	289	199	286	318	731	1.823	
<b>2021</b>	200	160	311	375	929	1.975	8
<b>VARIAÇÃO ESTADUAL</b>	-31	-20	9	18	27		

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

O cenário mudou pouco em relação ao último boletim. Ainda estamos vivendo o contexto da pandemia de covid-19 e da crise socioeconômica, que deixam as mulheres ainda mais vulneráveis. São milhões de brasileiros desempregados. É histórico o aumento da violência contra a mulher em momentos como esse. A falta de dinheiro atinge a virilidade do homem como provedor da casa e acaba desencadeando uma série de questões que levam a discussões, agressões e até mesmo à morte.

Os números gerais revelam um pequeno **aumento de 8% nos casos, em relação aos números do ano passado**, quando foram registrados 1.823 casos de feminicídio e violência contra a mulher. Ao olharmos para os dados de cada estado, podemos perceber que houve um aumento considerável em São Paulo, com 27% a mais de casos que em 2020. A mesma tendência de alta se apresenta no Rio de Janeiro, com aumento de 18%. Pernambuco tem o maior número de casos de violência contra a mulher entre os estados do Nordeste monitorados.

Apesar de ter sido palco de um dos casos mais emblemáticos do último ano, que envolve a violência do DJ Ivys contra sua ex-companheira, Pamella Holanda, o estado do Ceará teve uma queda de 20% em relação ao último boletim. As denúncias em vídeo de Pamella repercutiram nacionalmente e levantaram o debate sobre a violência doméstica – que não poupa pessoas famosas e com dinheiro. No Rio de Janeiro, a cantora MC Marcellly foi vítima de seu então companheiro, que a agredia e a mantinha em cárcere privado.

A Bahia, por sua vez, apresentou uma queda de 31% nos registros, mas quando analisamos os tipos de violência sofridas por essas vítimas, podemos ver que não há grande variação entre os anos de 2020 e 2021 quando se trata de feminicídio: de 70 para 66 casos.

### TIPOS DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER - 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL
<b>TENTATIVA DE FEMINICÍDIO/AGRESSÃO FÍSICA</b>	50	38	93	192	501	<b>874</b>
<b>FEMINICÍDIO</b>	66	22	91	73	157	<b>409</b>
<b>HOMICÍDIO</b>	55	52	66	43	73	<b>289</b>
<b>VIOLÊNCIA SEXUAL/ESTUPRO</b>	29	17	18	39	97	<b>200</b>
<b>TORTURA/CÁRCERE PRIVADO/SEQUESTRO</b>	7	29	9	34	52	<b>131</b>
<b>AGRESSÃO VERBAL/AMEAÇA</b>	6	12	7	31	41	<b>97</b>
<b>TENTATIVA DE HOMICÍDIO</b>	13	14	25	42	0	<b>94</b>
<b>OUTROS</b>	4	12	12	1	43	<b>72</b>
<b>TRANSFEMINICÍDIO</b>	0	11	10	1	5	<b>27</b>
<b>BALA PERDIDA</b>	2	8	7	0	0	<b>17</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>232</b>	<b>215</b>	<b>338</b>	<b>456</b>	<b>969</b>	<b>2.210</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

\* O número de tipos de violência é maior que o de casos, pois em um único episódio mais de um tipo de violência pode ser praticado contra a vítima.

### FEMINICÍDIOS E TRANSFEMINICÍDIOS REGISTRADOS EM 2020 E 2021(VARIAÇÃO EM %)

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL	VARIAÇÃO GERAL
<b>2020</b>	70	47	82	50	200	449	
<b>2021</b>	66	33	101	74	162	436	-3
<b>VARIAÇÃO ESTADUAL</b>	<b>-6</b>	<b>-30</b>	<b>23</b>	<b>48</b>	<b>-19</b>		

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

\*Foram somados os casos de feminicídio e transfeminicídio (início do registro em maio de 2020)

As pesquisadoras registraram um caso de feminicídio a cada 12 horas em 2021. Ou seja: **todos os dias, duas mulheres perderam suas vidas para o machismo nos cinco estados monitorados pela Rede de Observatórios. Em São Paulo, uma mulher sofreu tentativa de feminicídio a cada dia. No Rio de Janeiro, um caso de tentativa de feminicídio aconteceu a cada dois dias.**

Quando a motivação é informada, **as três maiores causas apontadas como motivação são brigas (21%), término de relacionamentos (14%) e ciúmes (8%). Companheiros e ex-companheiros são os principais agressores (65%) e assassinos (64%) de mulheres.** São homens que não conseguem ouvir “não”, ser contrariados ou descontam suas frustrações nas mulheres – mais uma herança colonial presente na estrutura da sociedade. Em muitos eventos, esses agressores não se limitam apenas às companheiras e matam também os filhos e outros parentes, depois tentam tirar a própria vida.

### RELAÇÃO DE VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO E AGRESSOR - 2021 (EM %)

Cônjuge ou ex-cônjuge/namorado(a) ou ex-namorado(a)	<b>65</b>
Não informada	<b>13</b>
Familiares (pai, mãe, padrasto, filho, cunhado)	<b>9</b>
Conhecidos/vizinhos	<b>7</b>
Desconhecidos	<b>5</b>
Agentes do Estado (força policial)	<b>0</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

### RELAÇÃO ENTRE MULHERES AGREDIDAS E AGRESSOR - 2021 (EM %)

Cônjuge ou ex-cônjuge/namorado(a) ou ex-namorado(a)	<b>64</b>
Desconhecidos	<b>11</b>
Familiares (pai, mãe, padrasto, filho, cunhado)	<b>11</b>
Não informada	<b>7</b>
Conhecidos/vizinhos	<b>4</b>
Agentes do Estado (força policial)	<b>1</b>
Funcionário público ou no exercício de funções públicas	<b>1</b>
Patrão ou superior hierárquico ou ex-patrão ou ex-superior hierárquico	<b>0</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança



Em São Paulo, em janeiro de 2022, tivemos um exemplo de *modus operandi* que se repete em crimes contra mulheres: um triplo feminicídio que foi pensado de maneira estratégica e fundamentado no ódio. Avó, mãe e neta foram mortas pelo mesmo homem, aquele que era genro, esposo e pai delas, respectivamente. Uma crise de relacionamento mal administrada envolveu as três vidas em defesa uma da outra, mas todo esforço foi insuficiente diante de um homem determinado a dar fim às suas frustrações. Segundo ele, matou a filha para que ela não ficasse órfã.

Boa parte dos crimes contra mulheres divulgados nos jornais (85%) não traz a informação racial da vítima. Mas, **quando desconsideramos os casos em que a cor da vítima não é informada, temos 50,7% das vítimas negras, 48,6% brancas e 0,7% indígena.** Algo nítido para as pesquisadoras da rede é que quando se trata de mulheres brancas e de classes mais abastadas a cobertura jornalística tende a ser mais completa.

Todos esses registros foram feitos com base no monitoramento diário de mídias dos estados em que a Rede atua. Nossas pesquisadoras produziram dados inéditos sobre o que circula nos meios de comunicação e nas redes sociais sobre violência e segurança. Todos os dias, elas monitoram dezenas de veículos de imprensa, coletando informações, e alimentam um banco de dados que posteriormente é revisado e consolidado. A produção cidadã de dados se faz cada dia mais importante para que não fiquemos atados aos dados oficiais em tempos em que impera a falta de transparência. A divulgação de dados pode salvar vidas.



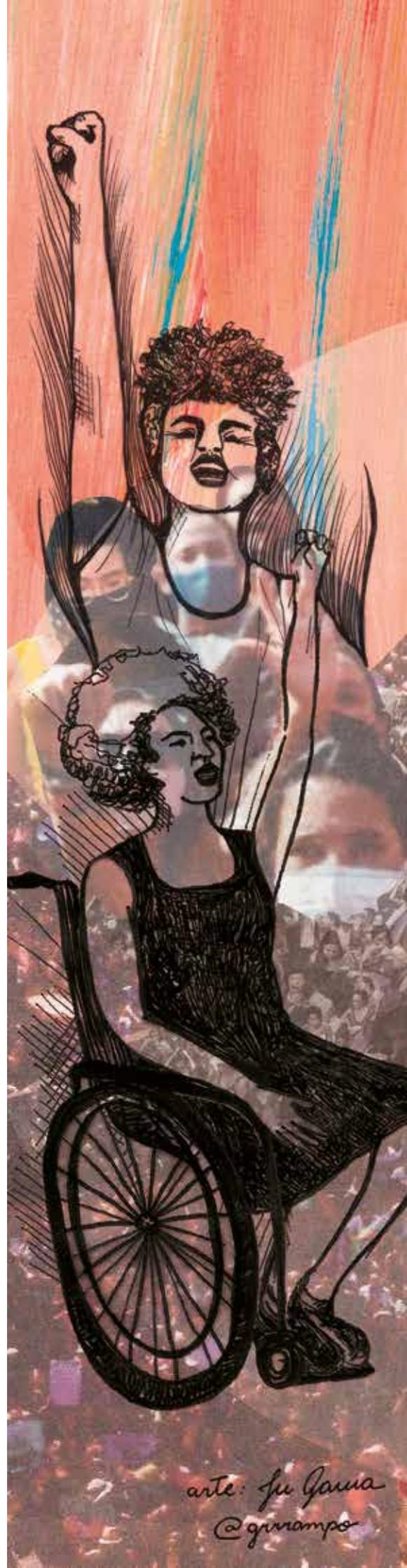
# EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, A GENTE SALVA A MULHER

Juliana Gonçalves<sup>1</sup>

No meio do ano passado, quando DJ Ivys agrediu sua ex-esposa, as redes sociais foram tomadas por campanhas de alerta à violência doméstica e a frase que ganhou força nesses dias foi: “em briga de marido e mulher, a gente salva a mulher”. Neste relatório, estamos buscando exatamente isso ao apontar dados que podem fomentar a criação de políticas públicas de enfrentamento tão potentes quanto a Lei Maria da Penha – que completou 15 anos com avanços, mas ainda precisa solucionar o cumprimento e a fiscalização das medidas protetivas, que nem sempre conseguem salvar as vítimas.

Outro ponto importante é conscientizar as mulheres de que esses crimes dificilmente acontecem de uma hora para outra, e que alguns sinais podem ser perceptíveis. **Existe um ciclo da violência que tem início, meio e fim. Esse fim pode ser a agressão ou a morte da vítima.** Tudo começa com a criação de um conflito, a implicância com a roupa, com o celular, com os amigos, pressões psicológicas. Instaura-se um clima de tensão que leva até a agressão propriamente dita. Naturalmente acontece um afastamento do casal que é seguido pela reconciliação, com pedidos de desculpas e promessas de mudanças. Por um tempo, a paz até reina, mas a tensão volta a existir, a desencadear a agressão, e o ciclo se repete. Quanto mais vezes ele acontece, mais chances de que acabe em morte.

<sup>1</sup> Juliana F. Gonçalves é jornalista, coordenadora de comunicação da Rede de Observatórios da Segurança, mestranda em políticas públicas, pesquisa o movimento de mulheres e é membra do coletivo feminista Minas da Baixada, na Baixada Fluminense.





**Saber identificar quando se está no ciclo é fundamental para que se consiga sair dele, porém não basta ter ciência para que tudo se resolva.** Muitas mulheres, além dos sentimentos pelos parceiros e a dependência psicológica, pensam nos filhos ou não têm perspectivas financeiras ou locais para onde ir – por isso é importante o auxílio financeiro e o abrigo às vítimas como política pública. Para as que não podem simplesmente ir embora, é preciso buscar redes de apoio e pessoas de confiança (muitos coletivos de mulheres realizam esse trabalho), ter um plano emergencial que inclua lugares que possa procurar de última hora – o que pode ou não incluir a denúncia policial, pedir ajuda quando estiver em risco.

O problema é estrutural e somente a educação pode livrar mulheres desse ciclo. É preciso falar abertamente sobre o assunto, sobre os canais que podem ajudá-las, por quais meios essas denúncias podem ser feitas. São vidas em jogo.

# DESUMANIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS E TRAVESTIS

Dália Celeste<sup>2</sup>

Roberta da Silva teve 40% do seu corpo queimado e veio a falecer em 9 de julho do ano passado, no Hospital da Restauração, no Recife. O caso chocou o Brasil, as redes sociais, famosos fizeram campanha para ajudá-la, mas foi em vão. A transfobia levou mais uma travesti negra. Uma em tantas outras no país recordista na morte de transexuais segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - Antra. Também em 2021, Keron Ravach, de apenas 13 anos, foi morta no Ceará e se tornou a jovem trans mais jovem a ser executada. O crime foi cometido por outro adolescente, de 17 anos.

Somente nos estados monitorados pela Rede de Observatórios, 27 mortes de pessoas trans foram registrados em 2021. Ceará e Pernambuco lideram o ranking, com 11 e 10 casos, respectivamente. Seguidos de São Paulo, com cinco, e Rio de Janeiro, com um registro. Na Bahia não há casos registrados, o que pode ser fruto da invisibilização dos casos na mídia.

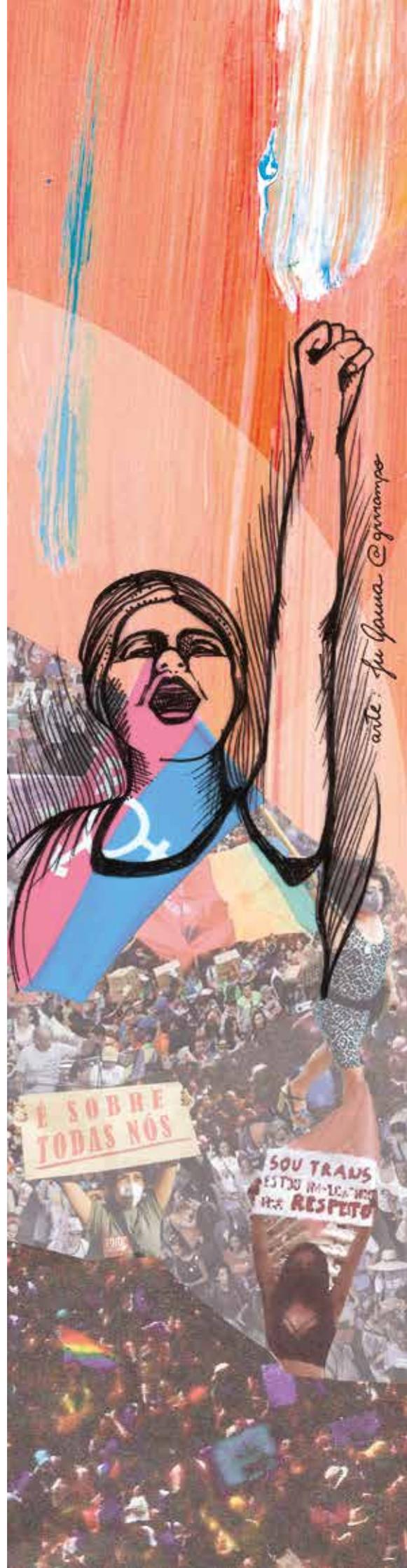
Os crimes acontecem pelo ódio ao que muitos acreditam que deve ser aniquilado: “a identidade trans feminina”. E isso é construído estruturalmente e reproduzido, inclusive por crianças e adolescentes, como visto no caso Keron Ravach

## CASOS DE TRANSFEMINICÍDIOS EM 2021

BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL
0	11	10	1	5	27

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

<sup>2</sup> Dália Celeste é pesquisadora da Rede de Observatórios da Segurança em Pernambuco, graduanda em psicologia e é ativista do movimento negro e LGBTQI+.





O Estado tem sido omissivo na proteção desses corpos. Existe um apagamento quando falamos sobre políticas de segurança pública e nos colocam em um espaço de vulnerabilidade e negação dos espaços educacionais e familiar; da empregabilidade, do afeto e principalmente de humanidade. Nas secretarias de segurança pública dos estados, esses crimes não são categorizados como transfeminicídios porque essa categoria não é reconhecida pelos governos. O corpo trans e travesti se torna para os números e estatísticas muitas vezes um corpo cisgênero, um corpo que não corresponde à identidade da vítima.

Usar o termo transfeminicídio é crucial, pois assim se reconhece que são mulheres expostas ao feminicídio e à transfobia – que passa a ser encarada como uma problemática social. A sociedade que não reconhece nossos corpos não vê como a violência nos afeta.





BAHIA

# MULHERES NÃO MERECEM SER PUNIDAS

*Luciene Santana*

Casos de feminicídio ganham grande repercussão na mídia local da Bahia. Um exemplo é a morte da jovem Ana Gabriela Santos Ribeiro, de 17 anos, que infelizmente foi encontrada esquartejada após meses de busca da família. Assim como Kezia Stefany da Silva Ribeiro, 21 anos, morta em Feira de Santana. Em ambos os casos, as vítimas foram mortas por serem mulheres e a autoria do crime é de companheiros de relacionamento.

**A Bahia registra um caso de violência contra a mulher a cada dois dias. Foram 200 registros no ano de 2021.** A partir dos casos catalogados, foram registrados 50 casos de tentativa de feminicídio/agressão, 66 feminicídios (seis a mais que os registros do governo) e 29 casos de violência sexual e estupro, tendo o estado liderado nesse quesito na região Nordeste. Cabe destacar, também, que foram catalogados nove casos de violência



motivados por “suposta traição”. Foi o caso da vítima Valdenice Alves de Novais que, por ciúmes, foi enterrada viva pelo companheiro que alegou à polícia que “queria puni-la”.

Discorrer sobre os dados de violência sexual e estupro é relembrar casos como o de Erika Batista, que foi vítima de estupro e morta no distrito de Cumuruxatiba. Na Bahia, foram registrados 29 casos de violência sexual/estupro, mas o número de vítimas pode ser muito maior, pois muitas têm dificuldade de proceder a denúncia, por vergonha e medo que familiares saibam do ocorrido e pela morosidade do sistema de justiça em processar e condenar os agressores. As vítimas sofrem pelo crime, pela violência sofrida e também a partir da construção desse estigma na sociedade.

Ao tratar desse tema, é fundamental a reflexão a partir do debate público sobre o sistema patriarcal e o machismo – que fomentam o discurso de culpabilizar a mulher pela violência. Trata-se de uma questão no âmbito da subjetividade que reproduz processos históricos e socioculturais e que reduz a violência contra a mulher a um “problema” individual, quando na verdade se trata de uma questão de toda a sociedade.



# SOBRE UM FUTURO QUE NÃO VAI EXISTIR

*Ana Letícia Lins*

Antes de tudo, lembro que ao falar das mulheres cearenses que foram vítimas de violência doméstica, feminicídio e outras violências, estamos falando de alguém que é/era o amor dos seus amigos, da sua família, dos seus filhos e da sua comunidade. Em relação às que não estão mais aqui, também falamos de um futuro que não vai existir, dos sonhos que não realizaram, dos momentos de felicidade que não tiveram e tudo aquilo que seria possível se a violência de gênero não fosse naturalizada e não tivesse acabado com a vida de 22 mulheres no último ano. Precisamos dar rostos a esse número, como a professora Maria Jesus (47) e a enfermeira Kelry (24), mãe e filha, assassinadas 72 horas depois de o ex-namorado agressor receber notificação judicial de medida protetiva por parte de Kelry, em Acaraú, no dia 28 de novembro de 2021. Por não aceitar o fim do relacionamento, ele decidiu matar a jovem a facadas. A mãe, desesperada, tentou salvar a filha e também foi morta. O pai e marido das vítimas ficou ferido. O amparo judicial e a denúncia feita não foram suficientes para evitar essa tragédia.

Os números de homicídios e tentativas de homicídios contra mulheres no estado também continuam chamando a atenção. As ocorrências desses crimes no ano passado foram recorrentemente marcadas por mortes múltiplas/chacinas com vítimas mulheres, como a chacina registrada na Vila do Mar, em Fortaleza, no dia 16 de fevereiro, ou a chacina do Boqueirão das Araras, em Caucaia, no dia 1º de agosto. Na mesma medida, mulheres vêm sendo vítimas de balas perdidas, como Carmén (61), atingida dentro de casa, no Pici, e Eliane (42), também alvejada dentro de casa, na Comunidade das Quadras, ambos os casos em Fortaleza. Entre os estados da Rede, o Ceará foi o estado que mais registrou vítimas de mulheres por bala perdida. Vítimas fatais ou não, as mulheres têm sido afetadas constantemente pelas dinâmicas criminais e de violência urbana dos territórios.



O estado também continua a ser o que mais notifica crimes de transfeminicídios: foram 11 casos durante o período. Esses crimes continuam a ser caracterizados pelo desprezo pela vida de mulheres trans e travestis. Impressiona, ainda, a dificuldade em usar a LGBTQIA+fobia como linha de investigação principal nesses casos. O crime que mais chocou e teve repercussão foi o de Keron Ravach, de 13 anos, assassinada com crueldade em Camocim, no dia 4 de janeiro. Foi a pessoa mais nova a ter sido vítima de transfeminicídio no Brasil. Isso demonstra como as pessoas da população T continuam desprotegidas no estado e sendo alcançadas, cada vez mais cedo, por violências diversas. Junto a isso, o caso de Milene (24), uma mulher lésbica e negra, vítima de agressão lesbofóbica em Tauá, no dia 22 de novembro, se sobressaiu pelo senso de impunidade e naturalização da violência, inclusive em um espaço público e com diversas pessoas presenciando.

É urgente repensar a política de proteção e a construção de comunidades seguras a partir de uma percepção do impacto na vida cotidiana das mulheres, que são diversas e precisam ser acolhidas nessa diversidade.





PERNAMBUCO

# “ELES MATAM UM POUCO DE TODAS NÓS”

*Dália Celeste*

“Ele não aceitou o fim da relação e matou a companheira.” Quantas vezes já ouvimos sobre histórias como essa? Em janeiro de 2021, foi justamente isso o que aconteceu com uma mulher de 26 anos esfaqueada pelo ex. Outra não correspondeu às investidas de um sujeito e acabou igualmente morta a facadas no Cabo de Santo Agostinho, no Grande Recife, no último mês de outubro. Homens que não sabem lidar com a rejeição e alimentam um sentimento de posse em relação às mulheres são violentos e podem matar.



No ano passado, a Rede de Observatórios da Segurança registrou 311 casos de feminicídio e violência contra a mulher no estado de Pernambuco – destes, 93 tentativas de feminicídio e agressão física e 91 feminicídios. São cinco casos por semana. E ainda assim há quem diga que crime de gênero não existe.

São muitos os rostos cruéis desta pandemia, um deles sem dúvidas é o aumento do ódio fruto da misoginia que leva à violência doméstica. Em 2021, 65% dos feminicídios foram cometidos por ex-companheiros, namorados ou cônjuges. Mas o ódio ao corpo feminino não está restrito ao ambiente doméstico e as mulheres cisgêneras. No ano passado, foram 10 casos de transfeminicídios em Pernambuco, casos que mostram a dor que é carregar socialmente uma identidade feminina. Cinco deles aconteceram em um período de menos de um mês.

Os feminicídios e transfeminicídios não matam somente suas vítimas: eles matam um pouco de todas nós. E matam não somente uma mulher, mas uma mãe, uma filha, uma irmã, uma amiga.



# O CAMINHO AINDA É LONGO

*Bruna Sotero*

As notícias sobre violência doméstica aumentaram durante o isolamento social, porém, mesmo com a chegada da vacinação e o retorno de algumas atividades presenciais, casos de violência contra mulheres não deixaram de ter destaque no noticiário. Houve um aumento de 18% de registros no Rio de Janeiro entre um ano e outro. Em 2021, registramos um total de 375 casos, sendo 192 tentativas de feminicídio e 73 feminicídios. **No estado, a Rede de Observatórios monitorou um caso de violência contra a mulher a cada 24h no último ano.**

A maior parte dos casos registrados envolve cônjuges e ex-cônjuges, namorados e ex-namorados. Foi assim no caso de uma jovem de 18 anos encontrada esquartejada em Magé, Região Metropolitana, e o principal suspeito do crime foi seu ex-namorado. E, também no caso de outra jovem, agredida e mantida em cárcere privado durante 15 dias pelo companheiro em Maricá, no Leste Fluminense.

Outro ponto que cabe destacar é que os veículos de imprensa não trazem dados sobre a dinâmica do fato e as motivações do crime. Entre os 73 feminicídios registrados no Rio de Janeiro, não conseguimos identificar a motivação em 54 casos. Entre as 192 tentativas de feminicídio/agressão física somente 100 têm a motivação revelada.

Por mais que tenhamos feito um grande avanço em dar foco e voz, com cada vez mais homens presos por não respeitarem medidas protetivas, que tenhamos construído delegacias especializadas em casos de violência contra mulher, ainda temos muito o que caminhar, para conseguirmos não apenas lidar com as consequências desses crimes, mas quem sabe assim conseguir evitá-los. Esse papel deve ser desempenhado pelo Estado, por meio de políticas públicas potentes que de fato protejam as mulheres dessa sociedade em que o machismo estrutural é enraizado.



## MOTIVAÇÕES DE FEMINICÍDIOS - 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL GERAL
<b>NÃO INFORMADAS</b>	34	8	29	54	63	<b>188</b>
<b>BRIGAS</b>	13	9	8	13	70	<b>113</b>
<b>TÉRMINO DE RELACIONAMENTO</b>	4	2	14	14	42	<b>76</b>
<b>CIÚMES/SUPOSTA TRAIÇÃO</b>	9	2	6	3	26	<b>46</b>
<b>CRIME DE ÓDIO</b>	0	4	36	26	2	<b>68</b>
<b>LGBTI+FOBIA</b>	1	11	2	1	5	<b>20</b>
<b>OUTROS</b>	4	3	3	1	9	<b>20</b>
<b>ESTUPRO</b>	3	3	1	3	1	<b>11</b>
<b>CONFLITOS ENTRE GRUPOS RIVAIS</b>	1	0	0	1	0	<b>2</b>
<b>POLICIAMENTO</b>	0	0	0	2	0	<b>2</b>
<b>LATROCÍNIO</b>	0	0	0	0	1	<b>1</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>69</b>	<b>42</b>	<b>99</b>	<b>118</b>	<b>219</b>	<b>547</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança

## MOTIVAÇÕES DE TENTATIVAS DE FEMINICÍDIO/AGRESSÃO FÍSICA - 2021

	BAHIA	CEARÁ	PERNAM-BUCO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	TOTAL GERAL
<b>NÃO INFORMADAS</b>	27	12	55	92	158	<b>344</b>
<b>BRIGAS</b>	11	6	16	37	192	<b>262</b>
<b>OUTROS</b>	1	6	6	12	87	<b>112</b>
<b>TÉRMINO DE RELACIONAMENTO</b>	8	5	11	12	52	<b>88</b>
<b>CIÚMES/SUPOSTA TRAIÇÃO</b>	3	2	4	11	51	<b>71</b>
<b>BALA PERDIDA</b>	1	0	0	22	0	<b>23</b>
<b>VIOLÊNCIA SEXUAL/ESTUPRO</b>	0	1	0	0	9	<b>10</b>
<b>CRIME DE ÓDIO</b>	0	6	2	0	2	<b>10</b>
<b>POLICIAMENTO</b>	0	2	0	5	0	<b>7</b>
<b>LGBTI+FOBIA</b>	0	0	6	0	1	<b>7</b>
<b>CONFLITOS ENTRE GRUPOS RIVAIS</b>	0	0	0	1	0	<b>1</b>
<b>TOTAL POR ESTADO</b>	<b>51</b>	<b>40</b>	<b>100</b>	<b>192</b>	<b>552</b>	<b>935</b>

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança



SÃO PAULO

# ATÉ QUE A MORTE NÃO ENCONTRE AS MULHERES

*Francine Ribeiro*

Com a vitória do Palmeiras, a torcedora Érica, de 34 anos, estava feliz e comemorava a conquista do clube. Mas o marido corintiano não gostou nada do que viu. Os dois entraram em uma discussão que terminou com a morte da mulher. O pai dos seus filhos gêmeos a matou com facadas em uma briga que teve início com a rivalidade no futebol. Algo totalmente inesperado. Os dois performavam o casal perfeito nas redes sociais. A história da palmeirense Erica nos mostra que nem sempre existe um histórico de queixas do parceiro, agressões documentadas, medidas protetivas que alertem sobre um possível risco na relação. O crime se consuma.



A morte de Érica aconteceu no ano passado, foi um dos casos monitorados pela Rede de Observatórios da Segurança. **Foram 929 registros de violência contra mulher e feminicídio cadastrados no nosso banco de dados. Dessas, 157 mulheres tiveram suas vidas ceifadas**, algumas de maneira cruel e rápida, outras foram submetidas às mais variadas formas de violências cotidianas físicas e psicológicas, até que em um dia, os agressores decidiram colocar um ponto final às suas existências.

**Em 2020, nós registramos 731 casos de violência contra mulher e feminicídio. Ou seja, houve um aumento de 27% em São Paulo – tivemos cinco casos a cada 48h.** O que pode indicar um crescimento real de números; uma maior força dessas mulheres em denunciar seus algozes ou os dois fatores combinados. Em qualquer uma das hipóteses é inegável que cada vez mais mulheres estão vulneráveis e inseguras. São companheiros, filhos, netos e desconhecidos que se voltam contra a figura – lida como frágil – feminina por razões que não se baseiam em outra coisa senão o machismo e o sistema patriarcal.

Como mulher, ver mulheres de diferentes idades e condições sociais serem constantemente perseguidas, abusadas e terem seus corpos simbolicamente violados é sufocante. Há feminicídios que passam por etapas de tortura, como a desfiguração facial, em todos eles, há a reprodução de relações de poder.

Cito o caso de Cristiane, moradora do interior de São Paulo, que foi obrigada a cavar a própria cova e da filha – uma criança de nove anos, para que após o crime fossem enterradas. O acusado mantinha relacionamento amoroso com uma adolescente, filha biológica da vítima, uma garota de 16 anos. Ambos conviveram por meses com os corpos no quintal de casa, como se nada tivesse acontecido. Lembro ainda de Joice, de 25 anos, que teve seu corpo concretado por pedreiros. Seu único erro foi passar em frente aquela obra, naquele horário. A jovem sofreu um estrangulamento e teve seu corpo ocultado no canteiro de obras. Após o impensável crime, por oito dias, os protagonistas dessa brutalidade, continuaram trabalhando sem qualquer incômodo.

Qual valor tinham as vidas de Erica, Cristiane e Joice? A naturalização da violência e o nulo reconhecimento ao respeito ao corpo feminino se manifestou em todos esses casos. As mortes continuam, os números crescem, e o que tem sido feito para reverter esse quadro? Até quando o concreto, a enxada e a faca encontrarão os corpos femininos sempre que um homem se sentir frustrado por não ser o dono do mundo, das pessoas que o cercam, do monopólio voz?

# NENHUMA MULHER ESTÁ SOZINHA

Para além da divulgação desses dados e da conscientização do problema, é fundamental divulgar locais onde mulheres vítimas de violência podem buscar ajuda. As vítimas precisam de ambientes seguros e que proporcionem acolhimento para elas e, muitas vezes, para os filhos também. Existem muitos coletivos, redes e grupos de mulheres que realizam um trabalho de orientação e encaminhamento para órgãos do estado, onde mulheres podem ser assistidas de maneira multidisciplinar - a vítima que corre risco iminente de vida pode ser direcionada a abrigos que têm endereços sigilosos.

O importante é que as mulheres tenham consciência de que não estão sozinhas. É possível quebrar o ciclo da violência com o apoio das redes de acolhimento. Listamos alguns endereços de locais para onde as mulheres são encaminhadas e que oferecem diferentes tipos de atendimentos com amparo psicossocial e jurídico. São instituições na Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.



arte: *Lu Gama*



## BAHIA

### COORDENADORIA ESTADUAL DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR

**Sobre:** Ação do Tribunal de Justiça da Bahia onde é desenvolvido um trabalho em redes, de maneira presencial. As vítimas são orientadas e, a partir disso, encaminhadas para órgãos especializados.

**Como pedir ajuda lá:**

Funciona das 8h às 18h.

**Telefone:** (71) 3372-1895

**E-mail:** coordenadoriamulher@tjba.jus.br

**Rede social/Site:** <http://coordenadoriadamulher.tjba.jus.br/>

**Endereço:** 5ª Avenida do CAB, nº 560, 3º andar, sala 303

### CENTRO DE ATENDIMENTO A MULHER SOTEROPOLITANA IRMÃ DULCE

**Sobre:** Agrega as funções de centro de referência e casa de acolhimento de curta duração, com suporte jurídico e psicossocial a mulheres vítimas de violência. O Centro também oferece serviço de acolhimento a vítimas que não estão em situação de risco.

**Como pedir ajuda lá:**

É preciso fazer agendamento pelo telefone. Os acolhimentos ocorrem de segunda a sexta-feira, das 9h às 16h.

**Telefone:** (71) 3611-6581

**Endereço:** Rua Léllis Piedade, número 63 - Ribeira, Salvador - BA

### NÚCLEO DE DEFESA DA MULHER DA DEFENSORIA PÚBLICA (NUDEM)

**Sobre:** Oferece atendimento em situações emergenciais de médio e longo prazo, para fornecer às mulheres o reconhecimento dos seus direitos a uma vida sem violência.

**Como pedir ajuda lá:** As vítimas podem procurar a sede da Defensoria Pública. O atendimento é feito das 8h às 16h.

**Telefone:** (71) 3324-1587

**E-mail:** nudem@defensoria.ba.def.br

**Rede social/Site:** <https://www.defensoria.ba.def.br/area-de-atuacao/defesa-da-mulher/>

**Endereço:** 3º andar do Edifício Multicab Empresarial, na Rua Arquimedes Gonçalves, Jardim Baiano, 482

### CENTRO DE REFERÊNCIA DE ATENDIMENTO À MULHER (CRAM)

**Sobre:** Oferece acompanhamento multidisciplinar com orientação jurídica a vítimas de violência doméstica.

**Como pedir ajuda lá:** O atendimento é feito das 8h às 17h.

**Telefone:** (71) 3235-4268

**E-mail:** [cramlv@salvador.ba.gov.br](mailto:cramlv@salvador.ba.gov.br)

**Endereço:** Praça Almirante Coelho Neto, nº 1, Barris. Para cidades do interior, [acesse a lista e veja onde o serviço atende.](#)

### PRIMEIRA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE DIREITOS HUMANOS (ANTIGO GEDEM)

**Sobre:** Ação do Ministério Público do Estado da Bahia (MP-BA), que atua no atendimento e proteção do direito da mulher, além da repressão de crimes de violência, com base na Lei Maria da Penha.

**Como pedir ajuda lá:** O horário de funcionamento é das 8h às 18h. Para mulheres que moram em cidades do

interior da Bahia, é preciso procurar a Promotoria de Justiça local.

**Telefone:** (71) 3321-1949

**E-mail:** [1pjusticadireitoshumanos@mpba.mp.br](mailto:1pjusticadireitoshumanos@mpba.mp.br)

**Endereço:** Jardim Baiano, que fica na Rua Arquimedes Gonçalves, nº 142

## CEARÁ

### CASA DA MULHER BRASILEIRA

**Sobre:** Equipamento que atua com rede de proteção e atendimento humanizado às mulheres que foram vítimas de violência. A Casa oferta cursos de capacitação profissional dentro da Promoção da Autonomia Econômica, oferece alternativas de abrigo temporário e espaço infantil para as crianças que estejam acompanhando as mães em atendimento.

**Como pedir ajuda lá:** A vítima passa por acolhimento e triagem e atendimento psicossocial para, em seguida, ser encaminhada aos órgãos ou serviços disponíveis. Atendimento 24h.

**Telefone:** (85) 3108-2998 / 3108-2999 3108-2994

(administração)

**E-mail:** [casadamulherbrasileira@gabgov.ce.gov.br](mailto:casadamulherbrasileira@gabgov.ce.gov.br)

**Endereço:** Rua: Teles de Sousa, s/n - Couto Fernandes - Fortaleza-CE

### INSTITUTO MARIA DA PENHA

**Sobre:** Coletivo de apoio social, jurídico e psicológico, formado por pessoas voluntárias, que prestam apoio a mulheres vítimas de violência doméstica.

**Como pedir ajuda lá:** O acompanhamento é realizado por telefone e/ou de maneira virtual através do Instagram do Instituto. A pessoa em situação de violência deve entrar pelo Instagram ou pelo Whatsapp (81) 98839-6700. Atendimento de segunda a sexta de 8h às 17h.

**Telefone:** (85) 4102-5429

**E-mail:** Não encontrado

**Rede social/Site:** @aspenhasoficial

### CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER FRANCISCA CLOTILDE (CRM)

**Sobre:** Equipamento que acompanha e encaminha mulheres para os serviços da Rede de Atendimento, além de oferecer acolhimento.

**Como pedir ajuda lá:** Funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h. Nos casos de mulheres em risco iminente de morte, o Centro faz o encaminhamento para a Casa Abrigo Municipal Margarida Alves, com endereço sigiloso.

**Telefone:** (85) 3108-2965

**E-mail:** [crmMulherFranciscaClotilde@yahoo.com.br](mailto:crmMulherFranciscaClotilde@yahoo.com.br)

**Rede social/Site:** <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/servicos/>

[centro-de-referencia-e-atendimento-a-mulher](#)

**Endereço:** Rua Teles de Sousa, s/n - Couto Fernandes (Casa da Mulher Brasileira)

## PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE COMBATE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER DE FORTALEZA

**Sobre:** Vela pela proteção e defesa dos interesses e direitos da mulher e propõe medidas protetivas de urgência, bem como a revisão das medidas concedidas;  
**Como pedir ajuda lá:** O acesso se dá por meio do comparecimento e o atendimento não depende de encaminhamento de outro serviço. Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 16:00.  
**Telefone:** (85) 3108-2940 / 3108-2941  
**E-mail:** promotoriadamulherfortaleza@mpce.mp.br  
**Endereço:** Teles de Sousa, s/n – Couto Fernandes (Casa da Mulher Brasileira) Cep: 60442-060 - Fortaleza-CE

## PERNAMBUCO

### CENTRO ESPECIALIZADO DE ATENDIMENTO À MULHER CLARICE LISPECTOR

**Sobre:** O Centro, formado por uma equipe de psicólogas, assistentes sociais, advogadas e educadoras sociais, acolhe mulheres em situação de violência doméstica.  
**Como pedir ajuda lá:** Todo o atendimento é gratuito e funciona de domingo a domingo, das 7h às 19h. O Clarice conta ainda com um disk orientação, o Liga, Mulher, que funciona de domingo a domingo, das 7h às 19h.  
**Telefone:** (81) 3355.3008 | (81) 3355.3009 | (81) 3355.3010 | Liga, Mulher: 0800 281 0107 | WhatsApp: (81) 99488-6138.  
**E-mail:** crclaricelispector14@gmail.com  
**Endereço:** Rua Doutor Silva Ferreira, 122, Santo Amaro

### CENTRO DE REFERÊNCIA A MULHER MARISTELA JUST

**Sobre:** Espaço destinado a prestar acolhimento, proporcionando atendimento psicológico, social, orientação e encaminhamentos jurídicos.  
**Como pedir ajuda lá:** As mulheres que procurarem o serviço deverão estar de posse da sua documentação pessoal (RG, CPF e comprovante de residência). De segunda a sexta feira de 08h às 17h.  
**Telefone:** Telefones: (81) 3468-2485 (81)99464-6253  
**E-mail:** crm.maristelajust@gmail.com  
**Endereço:** R. Paralela São João, 64 - Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE

### CENTRO ESPECIALIZADO DE ATENDIMENTO À MULHER AQUALTUNE

**Sobre:** Espaço destinado a prestar acolhimento, proporcionando atendimento psicológico, social, orientação e encaminhamentos jurídicos.  
**Como pedir ajuda lá:** O acolhimento acontece de segunda a sexta, com atendimento jurídico e psicossocial das 08h às 16h.  
**Telefone:** (81) 9 9912-0337  
**E-mail:** secmulherpaulistape@gmail.com  
**Rede social:** Não encontrado  
**Endereço:** Praça Agamenon Magalhães - S/N - Centro (prédio da Prefeitura)

## CENTRO ESPECIALIZADO DE ATENDIMENTO À MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXISTA DONA AMARINA

**Sobre:** Espaço destinado a prestar acolhimento a vítimas de violência doméstica.  
**Como pedir ajuda lá:** Horário de Funcionamento: 8h à 14h de segunda a quinta, e sexta de 8h às 15h.  
**Telefone:** (81) 3551-2505  
**E-mail:** crmdonaamarina.ipojuca@gmail.com  
**Endereço:** Rua do Comércio, 222, Centro Ipojuca, Pernambuco

### CENTRO ESPECIALIZADO DE ATENDIMENTO À MULHER MARIA BONITA

**Sobre:** O serviço oferece atendimento e apoio a vítimas de violência doméstica.  
**Como pedir ajuda lá:** O Centro funciona de segunda a sexta das 8h às 17h. Aos finais de semana e feriados, o Centro funciona das 17h da tarde da sexta-feira até às 8h da segunda-feira.  
**Telefone:** (81) 3721-0499 / (081) 98384-4310  
**E-mail:** crm.caruaru@hotmail.com  
**Rede social:** Não encontrado  
**Endereço:** Rua: Gouveia de Barros, nº 02 Maurício de Nassau

## RIO DE JANEIRO

### CENTRO DE DEFESA DA VIDA IRMÃ HEDWIGES ROSSI - CDVIDA

**Sobre:** Projeto pioneiro de prevenção e enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher na Baixada Fluminense.  
**Como pedir ajuda lá:** O atendimento funciona de segunda à sexta, das 10h às 16h  
**Telefone:** 21 3774-3993 / 21 969372152  
**E-mail:** [cdvida\\_defesadavida@hotmail.com](mailto:cdvida_defesadavida@hotmail.com) / contato@cdvida.org.br  
**Rede social:** <https://www.facebook.com/CDVidacentrodefesadavida/> e @cdvida\_defesadavida  
**Endereço:** sigiloso

### CIAM MARCIA LYRA

**Sobre:** Os Centros de Atendimento à Mulher oferecem atendimento psicológico social e acompanhamento jurídico às vítimas de violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual. Além do CIAM Márcia Lyra, no Centro do Rio, há centros em Queimados, Itaguaí, Japeri e Nova Iguaçu, na Região Metropolitana, e nos municípios de Natividade e Miguel Pereira.  
**Como pedir ajuda lá:** Funciona de 2ª a 6ª feira, das 10h às 17h.  
**Telefone:** (21) 2332-7200  
**E-mail:** [ciam@cedim.rj.gov.br](mailto:ciam@cedim.rj.gov.br)  
**Rede social:**  
**Endereço:** R. Regente Feijó, 15 - Centro, Rio de Janeiro - RJ



### CIAM BAIXADA

**Sobre:** O CIAM Baixada faz o acolhimento de mulheres em situação de violência.  
**Como pedir ajuda lá:** O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.  
**Telefone:** 21 3773 3287 / 2698 6008  
**E-mail:** ciambaixada@yahoo.com.br  
**Rede social:**  
**Endereço:** Rua Terezinha Pinto 297 – 2º andar – Centro, Nova Iguaçu/RJ

### CENTRO ESPECIALIZADO DE ATENDIMENTO À MULHER IDACILDE DO PRADO LAMEU

**Sobre:** Oferece atendimento psicológico social e acompanhamento jurídico às vítimas de violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual.  
**Como pedir ajuda lá:** Atendimento presencial, das 8h às 17h.  
**Telefone:** 021 2773-1896  
**Endereço:** Alameda Rui Barbosa, s/n, quadra 17, lote 08. Jardim Primavera - Duque de Caxias

### CENTRO DE REFERÊNCIA DE ATENDIMENTO À MULHER

**Sobre:** Organização que presta apoio gratuitamente a mulheres em situação de violência.  
**Como pedir ajuda lá:** De segunda a sexta, de 8h às 17h.  
**Telefone:** 2761-6604 / 2761-6700  
**Endereço:** Avenida Joaquim da Costa Lima, número 2490, Santo Amélia - Belford Roxo

## SÃO PAULO

### CENTRO REFERÊNCIA DA MULHER - CRM 25 DE MARÇO

**Sobre:** Oferece às mulheres em situação de violência atendimento psicológico, social e jurídico.  
**Como pedir ajuda lá:** O Centro atende mulheres maiores de 18 anos, em situação de violência doméstica e oferece atendimento social e jurídico. O horário de atendimento é das 8h às 17h horas, de segunda à sexta-feira (dias úteis).  
**Telefone:** (11) 31061100  
**E-mail:** crm.centro25@gmail.com  
**Endereço:** Rua Líbero Badaró, 137, 4º andar, Centro

### CASA ELIANE DE GRAMMONT

**Sobre:** Atende a mulher em situação de violência dentro de uma proposta multidisciplinar tendo em vista a administração do cotidiano, e superação da situação de violência.  
**Como pedir ajuda lá:** A casa atende mulheres residentes do Estado de São Paulo, oferecendo atendimento psicossocial. É importante levar carteira de identidade (RG). Atendimento das 8 às 17 horas, de segunda à sexta-feira (dias úteis).  
**Telefone:** (11) 55499339  
**E-mail:** caseliane@yahoo.com.br  
**Rede social:** Não encontrado  
**Endereço:** Rua Dr. Bacelar, 20, Vila Clementino, CEP: 04026-000

### CRM CASA BRASILÂNDIA

**Sobre:** A casa oferece psicoterapia individual, assistência social, faz palestras e encaminha para assistência jurídica e para proteção em abrigos.  
**Como pedir ajuda lá:** Aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h.  
**Telefone:** (11) 3983-4294 / 3984-9816  
**E-mail:** casabrasilandia@ig.com.br  
**Rede social:** Não encontrado  
**Endereço:** Rua Silvio Bueno Peruche, 538 – Brasilândia

### CRM MARIA DE LOURDES RODRIGUES

**Sobre:** O centro oferece às mulheres em situação de violência atendimento psicológico, social e jurídico.  
**Como pedir ajuda lá:** Aberto das 8h às 17 horas, de segunda a sexta-feira (dias úteis).  
**Telefone:** (11) 5524-4782  
**E-mail:** Não encontrado  
**Rede social:** Não encontrado  
**Endereço:** Rua Luiz Fonseca Galvão, 145 – Capão Redondo

### CASA DA MULHER BRASILEIRA

**Sobre:** Serviço de acolhimento e escuta por meio de uma equipe multidisciplinar: Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), Ministério Público, Defensoria Pública e Tribunal de Justiça.  
**Como pedir ajuda lá:** Atendimento presencial ou por telefone. Aberto todos os dias, 24 horas  
**Telefone:** (11) 3275-8000  
**E-mail:** Não encontrado  
**Rede social:** Facebook (<https://m.facebook.com/profile.php?id=501576203540149>)  
**Endereço:** R. Viêira Ravasco, 26 - Cambuci, São Paulo - SP, 01518-030  
Essa lista não é fechada e é possível encontrar mais locais de ajuda e acolhimento no site da Rede de Observatórios da Segurança: [observatorioseguranca.com.br](http://observatorioseguranca.com.br)

# QUEM FAZ A REDE DE OBSERVATÓRIOS

Baseados em sete estados, os integrantes da Rede combinam metodologia de pesquisa rigorosa, monitoramento diário, diálogo com a sociedade civil e conhecimento da realidade local para fazer análises sobre violência e segurança pública.



#ELASVIVEM

CEARÁ



Ana Letícia Lins



Dudu Ribeiro

BAHIA



Luciene da Silva  
Santana



Ricardo Moura



Cesar Barreira



Larissa Neves



Juliana Gonçalves



Bruna Sotero



Amanda Pinheiro



Ana Paula Andrade



Pablo Nunes



Itamar Silva



Pedro Paulo  
da Silva



Jonas Pacheco



Renato Cafuzo



Silvia Ramos

RIO DE JANEIRO



#ELASVIVEM

## PERNAMBUCO



Dália Celeste



Deila Martins



Bruno Paes Manso



Edna Jatobá



Francine Ribeiro

## SÃO PAULO



Luiz Eduardo  
Lopes Silva



Thiago Brandão  
Lopes

## MARANHÃO



Lila Cristina  
Xavier Luz



Elton Guilherme



Marcondes Brito  
da Costa



Maria D'alva Macedo  
Ferreira

## PIAUI

**SOBRE O RELATÓRIO**  
**Edição: Juliana Gonçalves**  
**Design: Refinaria Design**  
**Revisão: Taia Rocha**  
**Ilustrações: Juliana Gama**



ISBN 978-85-5969-013-2



9 788559 690132 >

REALIZAÇÃO

**cesec**

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania



[observatorioseguranca.com.br](http://observatorioseguranca.com.br)



@redeobservatorios



@rede\_seguranca



@rededeobservatorios

BAHIA

CEARÁ

MARANHÃO

PERNAMBUCO

PIAUÍ

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

**INICIATIVA  
NEGRA**



**GAJOP**

**cesec**  
Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

**NEV**  
Núcleo de Estudos da Violência  
Universidade de São Paulo

APOIO



**FORD  
FOUNDATION**

APOIO INSTITUCIONAL

 **OPEN SOCIETY  
FOUNDATIONS**



**UNIVERSIDADE  
CANDIDO  
MENDES**